

CARESTIA

Inflação corrói todos os bolsos

Pesquisa do Ipea mostra que mais ricos sofreram com impacto dos combustíveis e faixas de menor renda com alimentação

» VÍCTOR CORREIA

A inflação de março não poupou nenhuma classe social e a diferença de impacto entre ricos e pobres foi onde cada um sentiu mais no bolso na hora de consumir. A constatação é da pesquisa *Indicador de Inflação por Faixa de Renda*, elaborada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e divulgada ontem. Segundo o levantamento, quem tem menor renda amarga o prejuízo maior — constatação histórica nas pesquisas sobre a pressão exercidas pela carestia. Variou entre 1,24% para as famílias com maior renda e 1,74% no estrato social mais baixo — que ganha menos de R\$ 1.808,79 por mês. A inflação acumulada no ano, desde janeiro, ficou em 2,68% para os núcleos mais ricos, e em 3,4% para as famílias mais pobres.

“A pesquisa mostra que grande parte da inflação é explicada basicamente por alimentos e combustível. Porém, para as camadas mais baixas, o alimento pesou muito. Março foi um mês no qual a gente teve uma alta muito forte dos alimentos, piorada com chuvas em várias regiões, afetando tubérculos e verduras”, observou a pesquisadora do Ipea Maria Andreia Lameiras, que participou do levantamento.

Ela atribui a piora dos indicadores, também, às altas nos preços dos cereais causada pela invasão da Ucrânia pela Rússia, que teve um efeito cascata na economia. A pesquisadora aponta o encarecimento, sobretudo, de carnes, leite, ovos, pois os grãos vindos dos dois países são usados como ração. E

como a participação de russos e ucranianos no mercado internacional dessas commodities caiu, provocou um desequilíbrio que levou à aceleração dos preços.

“É uma alta mundial que está atingindo todos os países, nesse momento muito ligada à guerra. Embora seja uma inflação alta, a gente precisa ver o seguinte: uma vez esse conflito terminando, os preços que subiram voltam a um patamar um pouco mais confortável”, avalia.

A pesquisadora afirma, porém, que os preços dos alimentos não devem baixar rapidamente, mesmo se o conflito acabar — é necessário uma nova safra para normalizar o mercado. Maria Andreia avalia, também, que a inflação deve desacelerar nos próximos meses, principalmente pelo fim da bandeira de escassez hídrica na conta de luz.

Alta procura

Para as famílias de renda mais baixa, a pressão inflacionária dos alimentos do mês foi decorrente da alta gêneros muito consumidos, como arroz (+2,7%), feijão (+6,4%), cenoura (+31,5%), batata (+4,9%), leite (+9,3%), ovos (+7,1%) e pão francês (+3%). Já o impacto do custo dos transportes nesse segmento foi mais afetada pelo reajuste das tarifas dos ônibus urbano (1,3%) e interestadual (3,0%) do que pelo aumento dos combustíveis.

No acumulado dos últimos 12 meses, a maior pressão inflacionária para as famílias de renda mais baixa reside no grupo Habitação, pressionada pelos reajustes de 28,5% das tarifas

Marcelo Camargo/Agência Brasil



Aumento no preço dos combustíveis empurrou para cima o custo de vida das camadas da população com maior orçamento

3,4%

é a inflação acumulada desde janeiro contra os mais pobres, segundo a pesquisa do Ipea

de energia elétrica e de 29,6% do gás de botijão.

Para os mais ricos, a inflação foi puxada, principalmente, pelos transportes, repercutindo a alta de 6,7% no preço da gasolina, de 13,7% no diesel e de 8% nos transportes por aplicativo. Mas, segundo a pesquisa, btais impactos foram atenuados pela queda de 7,3% no preço das passagens aéreas.

De forma parecida, a redução de 0,69% dos planos de saúde

ajudou a reduzir o baque do grupo Saúde e Cuidados Pessoais, que estava pressionado pelos reajustes de 1,3% dos medicamentos e de 2,3% dos produtos de higiene pessoal.

Para o professor de economia da Universidade de Brasília (UnB) Roberto de Góes Elery Júnior, se a inflação atinge, indistintamente, todas as faixas de renda, é porque as ações do governo federal para segurá-la

são tímidas. “Em 2002, quando a inflação disparou no governo Lula, os juros foram para mais de 20%. Depois que a economia se ajustou, ela cresceu. O Banco Central poderia ser mais agressivo. A inflação tende a ser particularmente cruel com os mais pobres, que têm menor margem de orçamento e logo sacrificam o consumo. Famílias de mais pos- ses conseguem proteger sua renda”, salienta.

PETROBRAS

Novo presidente sinaliza: paridade de preço continua

O novo presidente da Petrobras, José Mauro Ferreira Coelho, tomou posse, ontem, na sede da estatal, no Rio de Janeiro e indicou que possivelmente não alterará a política de preços da empresa, que acompanha as cotações internacionais do petróleo. Isso porque, no discurso que fez, destacou que o valor de mercado é condição necessária para criação de um ambiente de negócios competitivos, atração de investimentos e novos agentes econômicos no setor, além de garantir o abastecimento do mercado interno.

Ele observou que somente com a consolidação desse cenário é que se permitirá elevar o aumento da concorrência, cujo maior beneficiário, segundo ele, é o consumidor brasileiro. “É importante ressaltar que, embora sejamos autossuficientes e exportadores de petróleo, somos importadores de vários combustíveis, como gás de cozinha, gasolina, diesel e querosene de aviação, o que impõe a agentes de mercado e governo federal grandes desafios para a garantia de abastecimento”, disse.

O novo dirigente da empresa defendeu, ainda, uma melhor comunicação com a população para que se possa melhorar o entendimento da política de preços da petroleira. “Muitas vezes, não conseguimos ter comunicação que chegue de forma palatável para o povo brasileiro. Maior interação com Congresso Nacional, com Executivo Nacional”, explicou.

Elogio à gestão

Ferreira Coelho foi escolhido pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) — ao qual agradeceu “pela confiança em mim depositada



Somos importadores de vários combustíveis, o que impõe a agentes de mercado e governo federal grandes desafios para a garantia de abastecimento”

José Mauro Ferreira Coelho, presidente da Petrobras

e indicação para ocupar o cargo” — para substituir o general Joaquim Silva e Luna, demitido devido às pressões causadas pelo reajuste de até 30% nos preços dos combustíveis em março. Ferreira Coelho elogiou a gestão da empresa, afirmando que as mudanças implementadas desde 2017 reduziram a dívida bruta de US\$ 160 bilhões, em 2014, para US\$ 60 bilhões, em 2021.

Ele sinalizou ao mercado, ainda, a manutenção de uma série de políticas da Petrobras, como desinvestimentos em campos maduros de petróleo, em refinarias de petróleo e no setor de gás natural, como no Gaspetro e no TBG. “Vamos ser aderentes ao plano estratégico 2022-2026, maximizando ativos de águas profundas e ultraprofundas”, afirmou Ferreira Coelho, acrescentando que os investimentos em refino serão focados em locais próximos da produção. (VC com Agência Estado)

Bruno Spada/MME



Coelho prometeu melhor comunicação com a sociedade para esclarecer a política de reajustes

União perde vaga no conselho

A União perdeu para os acionistas minoritários uma das cadeiras do Conselho de Administração da Petrobras. De 11 vagas, possui, agora, seis representantes no colegiado, enquanto os investidores têm quatro. A vaga restante é reservada à representante dos funcionários da empresa.

Na prática, a cadeira a mais no conselho dá maior força aos minoritários para barrar possíveis interferências do governo na estatal — que desde o comando de Roberto Castello Branco vem tentando fazer com que a política de paridade de preços ao mercado internacional, estabelecida em 2016, seja abandonada. No ano passado, quando da entrada de Joaquim Silva e Luna na presidência da Petrobras, os acionistas

com menor participação também tentaram emplacar um representante a mais no colegiado, mas não conseguiram.

Na votação para a confirmação de José Mauro Ferreira Coelho para a presidência, o impacto dessa nova correlação de forças já pôde ser percebido. O conselho o elegeu por maioria de votos, mas, segundo fontes, dois integrantes votaram contra o nome do governo: Rosângela Buzanelli, representante dos trabalhadores, e Marcelo Mesquita, representante de minoritários.

Depois da votação, foram aprovados os seguintes nomes indicados pelo governo para compor o Conselho de Administração da empresa: Márcio Andrade Weber (presidente do colegiado),

Ferreira Coelho (presidente da Petrobras), Luiz Henrique Caroli, Murilo Marroquim de Souza, Ruy Flaks Schneider e Sonia Julia Sulzbeck Villalobos. Já os acionistas emplacaram Francisco Petros, Marcelo Mesquita de Siqueira Filho, José João Abdalla Filho e Marcelo Gasparino da Silva.

Em nota, a Petrobras confirmou a eleição de Ferreira Coelho para um mandato de um ano e agradeceu a Silva e Luna. “A companhia agradece o importante trabalho realizado pelo general Joaquim Silva e Luna, por sua liderança, dedicação e contribuição à frente da Presidência da companhia e como membro do Conselho de Administração. Sua gestão foi marcada pela valorização da força de trabalho da Petrobras”.

Gasolina: valor médio é R\$ 7,49

O preço médio da gasolina no país fechou a primeira quinzena de abril em R\$ 7,498, o maior preço já registrado. Em comparação com março, quando a média nacional era de R\$ 7,288, o valor subiu 2,88%. Nos últimos 12 meses, a alta foi de 30,69%. As informações constam em levantamento feito pela ValeCard, empresa especializada em soluções de gestão de frotas.

Obtidos por meio do registro das transações realizadas entre os dias 1º e 13 de abril com o cartão de abastecimento da ValeCard, os dados mostram que apenas a Bahia (-2,03%) registrou queda no valor do combustível no período analisado.

Entre os estados que reportaram as maiores altas estão Piauí (5,03%), Paraná (4,03%) e Pernambuco (3,93%). Os três que tiveram a média mensal menos afetada pela alta da gasolina foram Santa Catarina (1,91%), Rio Grande do Sul (1,97%) e Rio Grande do Norte (2,23%).

Entre as capitais, o valor médio do combustível foi de R\$ 7,461. Teresina (R\$ 8,245), Aracaju (R\$ 7,760) e Rio de Janeiro (R\$ 7,758) foram as capitais com preços mais altos na primeira quinzena de abril. Os menores valores médios foram encontrados em Porto Alegre (R\$ 6,740), Cuiabá (R\$ 6,939) e Florianópolis (R\$ 6,966).

Etanol

O preço médio do etanol na primeira quinzena de abril foi de R\$ 5,076. Apesar de aumentar 4,61% em relação ao mês anterior, o etanol continua sendo mais vantajoso em alguns estados, como São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

Essas unidades da Federação são exceções, pois, mesmo com a sequência de altas, a gasolina ainda segue sendo mais atrativa para se abastecer o veículo do que o álcool na maior parte dos casos.